

A MEMÓRIA DO SILÊNCIO: NARRATIVAS FEMININAS COMO MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA

Ana Cecília Trindade Rebelo (UERJ/CAPES)¹


Resumo: Há quem possa lembrar e quem possa ser lembrado, construindo assim uma memória “oficial”. O que se pode observar atualmente é que mais e mais autoras oriundas de diferentes minorias estão reivindicando seu espaço discursivo e suas memórias através de narrativas. Este trabalho traz uma reflexão sobre a importância de ter alguém narrando sua própria história, através da Análise do Discurso Materialista, segundo Pêcheux, e seus estudos sobre silêncio/silenciamento (ORLANDI, 1997) e sobre memória discursiva (MARIANI, 1998), e de estudos literários pós-coloniais (HALL, 1996). Para tal, tomam-se como material de análise os romances *I, Tituba, Black Witch of Salem* (CONDÉ, 1992), *Sorry* (JONES, 2007) e *The Buddha in the Attic* (OTSUKA, 2012).

Palavras-chave: Análise do Discurso; Literatura Pós-Colonial; Narrativas Femininas; Memória.

Os romances *I, Tituba, Black Witch of Salem* (CONDÉ, 1992), *Sorry* (JONES, 2007), e *The Buddha in the Attic* (OTSUKA, 2012), exemplos de diferentes vertentes de literatura pós-colonial contemporânea, lidam com a questão da memória, seu apagamento ou interdição, com esquecer e lembrar-se de coisas que ajudaram a formar uma pessoa, e com como alguém pode se (re)formar enquanto sujeito através do uso das palavras. Lidar com memória é significativo pois a memória tanto pode fazer lembrar quanto pode fazer esquecer, apagar, e assim, há quem possa lembrar e quem possa ser lembrado, construindo assim uma memória “oficial”. As minorias, em geral, têm sua história narrada através da lembrança e da palavra do outro, tendo um espaço limitado para sua fala ou sendo silenciadas por completo, e assim tendo sua memória construída alhures. Mesmo com tais limitações, a língua não deixa de ser vista, na Análise do Discurso², como local de resistência, por menor que seja, e nesse sentido, a literatura pós-colonial é importante na medida em que permite àqueles que foram silenciados reclamar suas vozes ao contar suas histórias em suas próprias palavras. Em relação às mulheres, outros vêm contando suas histórias há séculos, porém, o que se pode observar, especialmente ao lidar com literatura pós-colonial, é que mais e mais autoras oriundas de diferentes minorias estão reivindicando seu espaço discursivo através de narrativas. Cada uma à sua maneira, elas contam histórias que permitem que suas

¹ Graduada em Música (UFRJ), Mestre em Linguística (UERJ), Doutoranda em Linguística (UERJ). Contato: anacecilia.rebelo@gmail.com.


² Referida no presente texto como AD.



personagens femininas tenham voz e falem sobre o que não poderia ser dito em um contexto outro, e através desses movimentos de resistência, permitem que outros fios discursivos que acionam memórias outras sejam içados e laçados na trama da memória social.

A proposta deste trabalho é trazer uma reflexão sobre a importância de ter alguém narrando sua própria história, a partir da perspectiva da AD Materialista, segundo Michel Pêcheux, e seus estudos sobre silêncio/silenciamento (ORLANDI, 1997) e sobre memória discursiva (MARIANI, 1998), além de estudos literários pós-coloniais (como HALL, 1996). Para tal, tomam-se como material de análise os romances acima mencionados: *I, Tituba*, *Black Witch of Salem*, *Sorry* e *The Buddha in the Attic*, que foram escolhidos por lidarem todos com a questão de dar voz àquelas que têm sido silenciadas através da história: mulheres em geral, e em especial mulheres vindas de grupos minoritários. Através das páginas de tais romances, podemos refletir sobre um espectro vasto de questões relacionadas à opressão, ao papel da mulher na sociedade, às relações desiguais entre indivíduos dentro de diferentes grupos sociais, e muitas outras situações problemáticas que, ao fim, estão todas relacionadas à questão do poder (ter/negar/ tentar alcançar/ tentar manter o poder). Todas essas questões podem ser discutidas focando em uma relação em particular: a relação entre o silêncio e as palavras.

No campo dos estudos do discurso, essa relação levanta questões como o que pode ser dito e o que precisa ser silenciado. Ainda que haja limites e fronteiras em todo lugar, tanto para as palavras quanto para quem se propõe a empregar tais palavras, a língua é vista na AD como um lugar de resistência, como mencionado no início do artigo, por menor que esta seja. Isso significa que sempre há a possibilidade de que os inúmeros limites sejam modificados, redefinidos, expandidos, de tal forma que novas vozes possam surgir, produzindo diferentes discursos do que os majoritários. Essa resistência através da língua e esse (re)clamar sua própria história pode ser observada em *I, Tituba*, um romance no qual a personagem principal – uma mulher negra de Barbados, vendida como escrava e parte dos julgamentos de bruxaria em Salem, EUA – tem a oportunidade de contar a história de sua vida e o papel que desempenhou em tais eventos a partir de sua própria perspectiva e reflexões, séculos depois de sua morte. Obviamente, isso é feito através da escrita e das palavras da autora, Maryse Condé, que



cria uma personagem ficcional que ecoa as palavras da autora – disso não há dúvidas – mas é preciso reconhecer a importância de ter uma personagem secundária da sociedade da época se apossar da oportunidade de vir à frente como personagem principal e narradora, e de trazer um olhar e um discurso diferentes sobre o desenrolar dos acontecimentos. Tituba reflete sobre seu papel na história em diferentes ocasiões ao longo de sua narrativa:


I had already regretted having played only a minor role in the whole affair and having had a fate that no one could remember. “Tituba, a slave originating from the West Indies and probably practicing ‘hoodoo.’” A few lines in the many volumes written on the Salem witch trials. Why was I going to be ignored? This question too had crossed my mind. Is it because nobody cares about a Negress and her trials and tribulations? Is that why?

I can look for my story among those of the witches of Salem, but it isn’t there. [...] But not a word about me. (CONDÉ, 1992, p. 149 – 150)

Para começar a desenvolver a questão da relação entre memória e narrativas, apresentamos um conceito muito importante, e talvez fundamental para entender a teoria da AD: discurso, o objeto de seus estudos. Discurso é entendido como efeito de produção de sentidos entre interlocutores – como esses sentidos são produzidos e como circulam na sociedade, como o discurso é posto em relação às suas condições de produção e em relação a outros discursos com os quais ele concorda, discorda ou apaga. O discurso é materializado em textos, e dessa forma a língua é o meio pelo qual diferentes efeitos de sentido são produzidos.

Diferentemente da sua materialização linguística – o texto – o discurso não possui um início, um meio, ou um fim. Isso significa que ele não é nem discursivamente homogêneo nem uníssono. É, na verdade, atravessado por muitos outros discursos, e seus efeitos de sentido não estão postos a priori. Nesse sentido, palavras, expressões e proposições não vêm com um sentido já-posto atrelado a elas: a mesma palavra pode produzir um efeito diferente de acordo com quem a enuncia, de que posição discursiva esse sujeito fala, e em que formação discursiva (o que pode e o que deve ser dito em um dado contexto) o sujeito se encontra quando da enunciação.


O romance *I, Tituba* fornece um bom número de exemplos para entender o conceito de discurso. Se tomarmos a palavra *witch* (bruxa), por exemplo, podemos observar ao longo da narrativa que de acordo com quem enuncia tal palavra ela carrega



um sentido diferente, e se relaciona com diferentes conjuntos de discursos que por sua vez, irão produzir cadeias diferentes de formulações. Tituba também reflete sobre essa questão, assim como faz em relação ao seu significado, sua parte na história, como apresentado anteriormente. Quando inquirida por Christopher, um líder quilombola, se ela pode torná-lo invencível através de seus poderes de feiticeira, ela responde: “Everyone gives that word a different meaning. Everyone believes he can fashion a witch to his way of thinking so that she will satisfy his ambitions, dreams, and desires...” (CONDÉ, 1992, p. 146). Tituba aprendeu com a vida que o que ela entendia pelo termo “bruxa” era muitas vezes totalmente diferente do que aqueles ao seu redor entendiam, algo que lhe trazia grande angústia, ainda mais por seu papel naquela sociedade (uma escrava negra, na base da hierarquia social e assim sujeita a ser acusada como responsável por toda e qualquer coisa que desse errado). Da maneira como ela entendia seu papel no universo, uma bruxa era alguém que trazia cura e conforto para os outros, e não alguém que fazia o mal. Em mais de uma ocasião na narrativa ela reflete sobre isso:

He was joking, but it made me think. What is a witch? I noticed that when he said the word, it was marked with disapproval. Why should that be? Why? Isn't the ability to communicate with the invisible world, to keep constant links with the dead, to care for others and heal, a superior gift of nature that inspires respect, admiration, and gratitude? Consequently, shouldn't the witch (if that's what the person who has this gift is to be called) be cherished and revered rather than feared? (CONDÉ, 1992, p. 17)

Outro conceito trabalhado na AD é o de ideologia. Ideologia é entendida nessa teoria como um modo de produzir sentidos hegemônicos, e junto com o inconsciente, transforma um indivíduo (um ser empírico) em um sujeito através da língua (o assujeitamento), e isso acontece de tal forma que o sujeito se vê como origem de seu discurso (o chamado “esquecimento nº 1”). Mais ainda, ele tem a ilusão de que há uma correspondência direta entre o que ele diz e o que quer dizer, que há “uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim.” (ORLANDI, 2013, p. 35). Essa impressão da realidade do pensamento (o chamado “esquecimento nº 2”) não permite ao sujeito se dar conta de que ao enunciar, ele se



encontra inserido em determinada formação discursiva que o domina, que é a matriz da produção de sentidos possíveis para seu enunciado.


O segundo romance a ser mencionado, *The Buddha in the Attic*, de Julie Otsuka, serve como um manual ilustrando a ideologia em volta do papel da mulher, aqui em uma sociedade japonesa. Ele nos apresenta diversos exemplos de como os discursos circulam no tempo e espaço reforçando posições sociais e discursivas, como uma forma de manter o status quo e a ilusão de transparência, de que as coisas são de certa forma porque sempre foram assim:

We knew how to serve tea and arrange flowers and sit quietly on our flat wide feet for hours, saying absolutely nothing of substance at all. A girl must blend into a room: she must be present without appearing to exist. (OTSUKA, 2012, p. 39, ênfase da autora)

Don't ask him where he's been or what time he'll be coming home and make sure he is happy in bed. (OTSUKA, 2012, p. 39, ênfase da autora)

Um terceiro conceito a ser mencionado é o de memória discursiva. Ele dialoga com a noção de interdiscurso, na qual todo discurso é constituído de outros enunciados previamente já-ditos que são esquecidos quando da enunciação, e que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2013, p. 31). De acordo com Brandão, “é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas” (2013, p. 95). Dessa forma, ela traz historicidade à análise do corpus, contribuindo para uma multiplicidade de sentidos, e se distanciando da memória institucional, ou arquivo. Esta é completa em si mesma e datada, apagando qualquer outro sentido possível, e assim causando um efeito de completude e se apresentando como verdade absoluta e prescritiva.

É muito interessante notar que nos três romances selecionados encontramos exemplos dessa memória discursiva que dialoga não com discursos enunciados no momento histórico em que os personagens (supostamente) viveram, mas com discursos previamente enunciados quando da escrita da autora. Nesse sentido, temos um exemplo do que entendemos como interdiscurso: para cada enunciado produzido há algo que veio antes, e algo que virá depois, e todos dialogam entre si. A literatura nos permite ir além das fronteiras do tempo, de tal forma que o passado, o presente e o futuro estão



relacionados e influenciam uns aos outros na produção do discurso. É então outra forma de dar voz àqueles que foram silenciados no passado, usando as palavras de quem veio posteriormente para contar a história dos silenciados, além de mostrar como a história e os discursos se repetem, como tudo está interligado. Assim, mesmo quando não nos permitem falar, há muitas vozes em nós e ao nosso redor:


I was the last to be taken to the gallows. *All around me strange trees were bristling with strange fruit.* (CONDÉ, 1992, p. 172, our emphasis)

And what was to stop one of us from walking into a crowded marketplace with a stick of dynamite tied to our waist? *Nothing.* (OTSUKA, 2012, p. 86, the author's emphasis)

Because we were stranded together, and because I stuttered, we read. There is no refuge so private, no asylum more sane. There is no facility of voices captured elsewhere so entire and so marvelous. My tongue was lumpish and fixed, but in reading, silent reading, there was a release, a flight, a wheeling off into the blue spaces of exclamatory experience, diffuse and improbable, gloriously homeless. *All that was solid melted into air*, all that was air reshaped, and gained plausibility. (JONES, 2007, p. 43, our emphasis)

Na primeira citação, somos imediatamente levados à canção *Strange Fruit*, imortalizada na voz de Billie Holiday, que também fala do enforcamento de negros, agora durante o linchamento de afro-americanos na década de 1930: “Black bodies swinging in the southern breeze/ Strange fruit hanging from the poplar trees”. Na segunda citação, somos levados aos discursos que circulam sobre uma nacionalidade específica ou um grupo específico sempre que uma guerra ou um atentado terrorista acontece. É só trocar o cenário da citação de Segunda Guerra Mundial e os japoneses pelo 11 de setembro e os povos do Oriente Médio (vistos como um grupo único: muçulmanos/árabes). Por fim, a terceira citação aponta para outros dois enunciados: o título de um livro de Marshall Berman, publicado em 1982 (*All that is solid melts into air*) e para uma das falas de Macbeth, na peça homônima escrita por Shakespeare em 1606 (“Into the air; and what seem'd corporal melted/ As breath into the wind” – Ato I, cena III).

Os conceitos de memória discursiva e interdiscurso trazem para os romances a presença de muitas vozes que ou complementam o que está sendo dito, ou trazem a voz de alguém que tem direito à voz de se colocar no lugar daqueles que não podem (ou são



proibidos de) falar naquele momento. O romance *Sorry* ilustra isso diversas vezes, já que Perdita, a personagem principal, e sua mãe Stella recorrem às palavras de Shakespeare para preencher o que elas não podem ou não sabem como expressar. Por exemplo, em uma de suas sessões de terapia (para curar sua gagueira adquirida depois de um trauma), Perdita acessa as memórias bloqueadas do dia fatídico da morte de seu pai enquanto recita *Macbeth*:

*Art thou not, fatal vision, sensible
To feeling as to sight? Or art thou but
A dagger of the mind, a false creation,
Proceeding from the heat-oppressed brain?
I see thee yet, in form as palpable
As this which now I draw.*


Like the iron gate dissolving at the opening to *Rebecca*, some mind-forged impediment to memory fell away. (JONES, 2007, p. 204, ênfase do autor)

Da explicação de alguns conceitos da AD, e nos voltando para algumas das discussões trazidas pelos estudos pós-coloniais, podemos perceber que há um terreno comum: ambos nos apresentam a ideia de novas formas de leitura, não somente de textos, mas da sociedade, da história, de nós mesmos. A leitura pós-colonial é definida como

Uma forma de ler e reler textos tanto de culturas metropolitanas quanto coloniais de forma a chamar a atenção deliberada para os efeitos profundos e inescapáveis da colonização na produção literária; nos relatos antropológicos; nos registros históricos; na escrita administrativa e científica. É uma forma de leitura desconstrutiva [...] que demonstra até que ponto o texto contradiz seus pressupostos subjacentes [...] e revela (muitas vezes de forma involuntária) suas ideologias e processos colonialistas. (ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G. and TIFFIN, H., 2007, p. 173)³

Eles também estão preocupados em problematizar o conceito de sujeito, da construção da identidade – uma questão (da representação do indivíduo) que sempre foi importante na Literatura. Uma afirmação recorrente nos estudos pós-coloniais é que a identidade não é uma noção fixa e dada, uma ideia essencialista que fixa um

³ No original: “A way of reading and rereading texts of both metropolitan and colonial cultures to draw deliberate attention to the profound and inescapable effects of colonization on literary production; anthropological accounts; historical records; administrative and scientific writing. It is a form of deconstructive reading [...] which demonstrates the extent to which the text contradicts its underlying assumptions [...] and reveals its (often unwitting) colonialist ideologies and processes.”




“verdadeiro eu” nos indivíduos, que não tem outra opção a não ser se conformar com e a essa essência (e dessa forma apagando e silenciando a possibilidade de produzir resistência e deslocar sentidos homogêneos). A identidade deveria ser trabalhada, ao contrário, como algo que é construído histórica e socialmente, em relação com o outro, sendo então possível e passível de ser (re)definida e discutida: “Pois as identidades culturais são sempre uma construção, não são nunca fixas ou essenciais e novas identidades podem se utilizar de novos repertórios.” (HALL, 1996, p. 70)⁴. A AD dialoga com tal posicionamento, considerando o sujeito não como um produto (completo, pronto e centrado em si mesmo), mas como um processo (descentrado, cindido), o que leva a refletir sobre os modos de produzir esse sujeito.

Após explicitar os conceitos-base para o desenvolvimento de nossa discussão, passamos para o ponto principal do artigo: o silêncio. Orlandi (1997) nos diz que há silêncio nas palavras, e isso significa que “elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas; elas silenciam.” (ORLANDI, 1997, p. 14). Há diferentes formas de silenciar um sujeito, de limitar seus meios de produzir sentidos na cadeia dos discursos. Uma forma de fazer isso é através da censura: “‘Do not apologize’, they said to us. ‘Speak only English.’ ‘Suppress the urge to bow.’” (OTSUKA, 2012, p. 93), uma passagem que mostra como as mulheres japonesas era duplamente (ou triplamente) silenciadas (visto que elas já eram silenciadas em sua cultura, como apresentado anteriormente quando da exemplificação de ideologia) depois do ataque a Pearl Harbor in 1942 e o sentimento geral de desconfiança e medo dos americanos em relação àqueles com características japonesas, vistos como traidores em potencial e como uma ameaça à segurança americana em casa. Outra forma é pelo deslocamento, quando um grupo é forçado a deixar sua terra natal devido a guerras, catástrofes, escravidão, trabalhos forçados, entre outras razões e possibilidades, de tal forma que a referência do grupo ao seu passado e a como sua identidade é construída fica perdida. Podemos observar isso na relação entre os filhos das *picture brides* que narram a história em *The Buddha in the Attic*, e sua cultura de origem:

One by one all the old words we had taught them began to disappear from their heads. [...] They forgot what to say at the altar to our dead ancestors, who watched over us night and day. [...] They spent their days now living in the new language, whose twenty-six letters still

⁴ No original: “For cultural identities are always a construction, are never fixed or essential and new identities could draw on new repertoires.”



eluded us even though we had been in America for years. [...] Most of all, they were ashamed of us. (OTSUKA, 2012, p. 72-75)


Mais ainda, outra maneira de silenciar um sujeito é através da depreciação cultural, “a opressão consciente e inconsciente da personalidade e da cultura indígena por um modelo racial ou cultural supostamente superior.” (ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G. e TIFFIN, H., 2002, p. 9) ⁵. A passagem a seguir, na qual Tituba descreve como Mrs. Endicott, senhora de seu marido John Indian, a trata na presença de suas amigas brancas (o que não é muito diferente de como ela trata Tituba quando estão sozinhas), nos mostra essa depreciação cultural, já que um escravo é visto pela sociedade dominante como nada mais que um objeto, outra posse em suas terras:

They were talking about me and yet ignoring me. They were striking me off the map of human beings. I was a nonbeing, Invisible. More invisible than the unseen, who at least have powers that everyone fears. Tituba only existed insofar as these women let her exist. It was atrocious. Tituba became ugly, coarse, and inferior because they willed her so. (CONDÉ, 1992, p. 24)

Levando tais exemplos em consideração, podemos estabelecer outras relações além da mencionada silêncio e palavras: silenciar e ser silenciado(a). Esquecer e ser esquecido(a). Desaparecer e ser feito desaparecer. Todas estão conectadas, e de certa forma um par de ideias gera o outro. Isso pode ser visto em *Sorry*, no qual a pobre Perdita, depois de ter desenvolvido um caso sério de gagueira após a morte traumática de seu pai, percebe que à medida que ela fala menos e menos devido às dificuldades em tentar articular uma fala clara, ela vai se tornando um não-ser, que não está realmente ali, se desfazendo no plano de fundo da realidade. Mesmo sendo uma criança, ela entende como as palavras nos inscrevem na história, como nós assumimos nossos papéis na sociedade através da fala, ou de acordo com a Análise do Discurso, como a língua nos transforma de indivíduos em sujeitos capazes de agir no mundo através do discurso:

Because of this affliction I spoke less and less. [...] My mother despaired. [...] She told me to pull myself together. But somehow, in language at least, I remained pulled apart. I had not until then thought myself so made up by words. *I had not known how fundamentally a child might be recreated.* (JONES, 2007, p. 22, ênfase nossa)

⁵ No original: “the conscious and unconscious oppression of the indigenous personality and culture by a supposedly superior racial or cultural model.”




Perdita realised that the speechless, the accursed, gradually vanish. She noticed with a kind of fear *how frequently she was overlooked, how she was becoming dim and disregarded in the estimations of others. Less than a character in a book. Less than a fiction.* (JONES, 2007, p. 158, ênfase nossa)

A partir da leitura e discussão dos romances e exemplos apresentados, qual é então a importância de se posicionar contra o silenciamento, considerando que, como posto por Orlandi (1997), o silêncio é constitutivo da língua? Por que é importante fazer com que alguém seja ouvido? Como Boehmer (2005, p. 241) nos diz, “Obscuridades e silêncios irão existir não importando quantas pesquisas sejam dedicadas à tarefa de tornar claro o que é sombrio, ou de dar voz ao que foi silenciado.”⁶ Então por que a questão de falar e ser ouvido é tão presente em estudos e na literatura pós-colonial, assim como nos estudos do discurso? São perguntas que podem nos desencorajar se acreditamos que a dominação cultural é algo do qual não se pode escapar, que de um jeito ou de outro uma pessoa sempre estará sujeita a forças externas de poder que controlam e limitam a sua existência. Ainda que isso seja verdade, não deixa de ser importante criticar essas práticas que tem sido prejudiciais a determinado grupo através dos tempos, expondo os feitos e erros de tais práticas, e gerando uma reflexão sobre as consequências das mesmas. Fazer as diferenças, por mais vastas que sejam, serem reconhecidas com o propósito de um dia serem respeitadas, não parece um objetivo insano e inalcançável. A citação abaixo pode trazer mais luz sobre as razões pelas quais o tema do silêncio e das palavras é tão importante:

Campos como os estudos das mulheres e os estudos pós-coloniais surgiram em parte como uma resposta à ausência ou indisponibilidade das perspectivas das mulheres, das minorias raciais, e das culturas ou comunidades marginalizadas em relatos históricos ou anais literários. Essa falta de representação encontra seu paralelo nas esferas política, econômica e legal. Os “outros” do discurso dominante não tem voz nem influência alguma em sua representação; eles são relegados a “serem falados” por aqueles que comandam a autoridade e os meios de dizer. (BAHRI, 2008, p. 204)⁷

⁶ No original: “Obscurities and silences will exist no matter how much research is devoted to the task of making lucid what is dim, or of giving voice to what was stilled.”

⁷ No original: Fields such as women’s studies and postcolonial studies have arisen in part in response to the absence or unavailability of the perspectives of women, racial minorities, and marginalized cultures or communities in historical accounts or literary annals. This lack of representation is paralleled in the political, economic, and legal spheres. Those “other” to the dominant discourse have no voice or say in their portrayal; they are consigned to be “spoken for” by those who command the authority and means to speak.




Uma última pergunta que se coloca é “Pode a literatura mudar o mundo, ao propiciar um modo eficiente e duradouro das minorias se representarem e assim garantir seus direitos a ter uma voz na sociedade?” Talvez não. Talvez seja uma tarefa muito grandiosa para qualquer arte, expressão social ou campo de conhecimento tentar, por si só, mudar a ordem das coisas, desconstruir e reconstruir as relações de poder nas sociedades. De todo modo, não é impossível imaginar que, nessa perspectiva de propiciar novos gestos de leitura, novas formas de lidar com o que foi dito e estabelecido, isso possa ser mais do que uma tentativa, mas uma maneira produtiva de ajudar alguém (o leitor, e também o escritor – por que não?) a revisitar sua própria história, a entender e (re)escrever seu passado, e assim abrir um mundo de possibilidades para seu futuro. Ao revisitar, recontar, reformular o que foi mantido em silêncio, podemos trazer à tona para discussão problemas que de outra forma seriam mantidos escondidos. Concordamos com a citação de Boehmer (2005, p. 217): “A palavra escrita, como a zimbabuana Yvonne Vera exorta, abre um terreno de uma expressão relativamente livre às mulheres, no qual tabus e segredos podem ser libertados.”⁸ Voltando para as primeiras linhas deste artigo, é uma questão, no fim das contas, de tentar e forçar esse silêncio opressor e sufocante a falar, e deixar que as pessoas falem.

Referências bibliográficas

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G. and TIFFIN, H. *Post colonial studies: the key concepts*. 2nd ed. New York: Routledge, 2007, p. 166-175.

_____. *The Empire writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. 2nd ed. New York: Routledge, 2002, p. 1-13.

⁸ No original: “The written word, as the Zimbabwean Yvonne Vera urges, opens a terrain of relatively free expression to women, into which taboos and secrets may be released.”



BAHRI, D. Feminism in/and postcolonialism. In: LAZARUS, Neil (editor). *The Cambridge Companion to Postcolonial literary studies*. Cambridge: CUP, 2008, p. 199-220.

BOEHMER, E. *Colonial and Postcolonial Literature: Migrant Metaphors*. 2nd ed. Oxford: OUP, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CONDÉ, M. I. *Tituba, Black Witch of Salem*. Translated by Richard Philcox. Charlottesville: University of Virginia Press, 1992.

HALL, C. Histories, Empires and the Post-Colonial Moment. In: CHAMBERS, Iain; CURTI, Linda, eds. *The Post-Colonial Question: Common Skies, Divided Horizons*. London: Routledge, 1996, p. 65-77.

HOLIDAY, B. *Strange Fruit*. Lyrics available at <<http://www.metrolyrics.com/strange-fruit-lyrics-billie-holiday.html>>. Accessed in August 15th, 2015.

JONES, G. *Sorry*. New York: Europa Editions, 2007.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Análise de Discurso – princípios & procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

OTSUKA, J. *The Buddha in the Attic*. New York: Anchor Books, 2012.